

# ANÁLISE DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA MESORREGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

Lucio Cruz Silveira Amorim<sup>1</sup>  
Marisa Dias Lima<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo central identificar, mapear e descrever a variação sociolinguística da Libras de três municípios da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: Uberaba, Uberlândia e Patos de Minas tendo por fim conhecer a influência dos sinais utilizados pelos surdos que estudaram no INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos) e dos surdos residentes nos municípios selecionados. A pesquisa é orientada pelos pressupostos teóricos de que a Libras – Língua Brasileira de Sinais é a língua dos surdos que se interligam com a sociolinguística da variação linguística. Partindo-se deste utilizaremos nesta pesquisa a aplicação da metodologia de natureza qualitativa, tratando-se de uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas, na qual se recorreu também à técnica da observação de sinais utilizados pelos participantes gravados em vídeo. A entrevista foi realizada como coleta de dados com registros de sinais de 6 participantes acima de 65 anos de idade, agrupados por 2 surdos de cada município selecionado: um surdo que estudou no INES que tem a influência dos sinais adquiridos na instituição e um surdo residente do município sem alguma influência. Após a coleta, fizemos o tratamento dos dados com a seleção, a transcrição, a elaboração de sinais e a descrição dos resultados. Inicialmente foram aplicados os 30 (trinta) sinais aleatórios, no fim selecionamos em 05 (cinco) sinais com maior variação. Em seguida aos sinais selecionados mostramos os resultados que foram determinados pela ocorrência da influência seja ele pela sua localidade, sua idade e ou sua origem.

**Palavras-Chaves:** Sociolinguística, Variação, Libras.

## 1. INTRODUÇÃO

Muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo das línguas de sinais no Brasil e no mundo. Isso faz com que a cada dia novas descobertas surjam para melhor compreensão e fortalecimento desta língua e sua cultura presente.

Portanto este estudo tende a seguir a continuidade dos estudos acerca da Língua de Sinais partindo do pressuposto da Libras constituírem-se em constante propagação de mudanças em diferentes regiões. Nesse sentido, acreditamos na necessidade de pesquisar e

---

<sup>1</sup> Professor Assistente da Universidade Federal de Uberlândia – UFU do departamento da Faculdade de Educação – FACED, vinculada ao núcleo de Educação Especial e Libras. Membro do Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias – GPELET e do Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão Educacional – GEPEPES.

<sup>2</sup> Professora Assistente da Universidade Federal de Uberlândia – UFU do departamento da Faculdade de Educação – FACED, vinculada ao núcleo de Educação Especial e Libras. Co-coordenadora do Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias – GPELET e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão Educacional – GEPEPES.

conhecer as variações linguísticas existentes e usuais na comunidade surda que foram propagadas no INES e difundido por seus ex-alunos em suas respectivas cidades.

Partindo-se deste, o estudo descreverá sobre as possíveis variações linguísticas através das comparações das diferenças de sinalização da região de Minas Gerais com o recorte agrupados em mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em um Estado com pouco recurso de Educação aos Surdos que possibilite contato entre eles e pela origem que aqui influencia a variação linguística devido ao fato de uns serem provenientes da zona rural, da zona urbana e outros que foram para outro estado estudar.

Contudo, é de suma importância para a Libras e a comunidade surda, saber como ocorrem as variações linguísticas na mesorregião selecionada e comparar estas variações dentro de cada um. Pensando nisso convidamos 06 surdos para a realização desta pesquisa a fim de identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que motivaram o uso de suas variantes influenciados pela mudança histórica.

Destaca-se que esta pesquisa trata-se de um estudo sociolinguístico variacionista, pois estuda o uso da língua no cotidiano sendo que a sua investigação pode ser bastante útil para questões linguísticas mais amplas, para determinar como a língua se organiza, se estrutura, além de aprofundar sobre a Libras.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Este estudo utilizara se com base em obras de Ferreira-Brito (1995), Strobel e Fernandes (1998) e Quadros e Karnopp (2004), descrevendo os aspectos no que tange a Variação da Libras correlacionado com a Sociolinguística.

### **2.1 Breve Histórico sobre a Libras**

A Libras, assim como as línguas orais, é uma língua espontânea na interação da comunicação entre os surdos brasileiros com uso da modalidade gestual-visual diferente da Língua Portuguesa que se utiliza em modalidade oral-auditiva. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais estão também nas estruturas gramaticais.

No meio científico, as línguas de sinais é reconhecida como língua, pois possuem os mesmos universais linguísticos que caracterizam as línguas orais, com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. O reconhecimento político das línguas de sinais partiu das reivindicações dos movimentos sociais surdos, com o apoio das pesquisas linguísticas e pedagógicas. No entanto, no Brasil, ainda é uma língua pouco conhecida, por ser proveniente de uma comunidade linguística minoritária.

Como não se trata da língua dos colonizadores do Brasil, poucos foram os registros sobre a evolução da Libras. Os registros, que se tem hoje, são referentes ao INES e revelam que a mesma foi difundida a partir da vinda de um professor Surdo francês, E. Huet, o qual propôs a criação da primeira escola dos Surdos, o INES. (ROCHA, 2008), portanto a Libras tem forte influência da língua de sinais francesa a qual, gradativamente, foi sendo moldada à cultura surda brasileira. A primeira publicação referente à língua de sinais, no Brasil, em 1875, Iconografia dos Sinais, desenhada pelo ex-aluno e profissional repetidor do Instituto, Flausino José da Costa Gama, o qual repetiu os sinais do Dicionário de língua de sinais francesa, traduzindo-os para o português e revelando a sua influência sobre a Libras.

Somente em 1980 que surgiram no Brasil os primeiros registros que comprovem que a Libras existia de forma natural nas comunidades linguísticas de pessoas surdas. Em 1987, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desenvolveram pesquisas sobre Linguagem e Surdez iniciada pela professora Lucinda Ferreira Brito com vistas à descrição da estrutura da língua de sinais por meio da elaboração de um projeto de pesquisa (Língua de Sinais Centro-Urbanos Brasileiros - LSCB) visando à produção de um dicionário analisando a estrutura da língua em seus níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (FERREIRA-BRITO, 1995).

Atualmente a Libras é reconhecida pela Lei nº 10.436/2002, ao descrever que a Libras como “uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.2).

### **2.1.1 Comunidade Surda**

Para Padden (1989), uma comunidade é um conjunto de pessoas que interage coletivamente, em um território comum, e compartilha legados históricos e metas a fim de atingir seus objetivos com esforços e envolvimento.

No entanto, a comunidade surda, é aquele que usa a língua de sinais como o meio de comunicação e sensação de pertencimento à cultura surda, constituídos em grupo de características linguísticas peculiares (Skliar 1998; Machado, 2008).

Segundo Strobel (2008, p.24), as pessoas surdas “vivem em uma cultura diferente da cultura hegemônica dos sujeitos ouvintes: cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas

percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas”.

Em 2001, Jeff McWhinney<sup>3</sup> pronunciou-se: “a comunidade surda é uma comunidade orgulhosa de si. Orgulhosa de sua cultura, orgulhosa de sua história e orgulhosa de sua linguagem. Nós temos direito de ser orgulhosos. Nós sobrevivemos a várias tentativas de estigmatização, de opressão e mesmo de eliminação de todos nós” (Diniz, 2003).

Entende-se que numa mesma comunidade, estão inseridos os surdos e os ouvintes que partilham a causa surda, seja por laços de consanguinidade, profissionais ou de amizade, mas que, portanto, não são culturalmente surdos. Já o povo surdo é constituído por membros como os mesmos traços culturais. O povo surdo tem uma cultura, que é “um conjunto de comportamentos aprendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições” (Padden, 1989, p.5).

Diante destes verifica-se que dentro da comunidade surda possuem membros provenientes dos diferentes locais, tempos, espaços, faixa etária e culturas. Contudo é inevitável que haja a variação linguística da Libras.

## 2.2 Variações Linguísticas

Algumas reflexões sobre a variação linguística se fazem importante neste estudo para compreensão das questões direcionadas aos estudos dessas variações na Libras. As modalidades mais usuais da variação segundo SORDI-ICHIKAWA (2003) são quatro:

- a) *a variação histórica*, que revela a transformação da língua acompanhada com as mudanças sociais, alguns padrões são deixados e outros e criados, em que gerações mais velhas e mais novas entram em conflitos;
  - b) *a variação geográfica*, explica-se pelas diferentes formas que uma expressão é tomada em determinada região onde é falada;
  - c) *a variação social*, diz respeito às expressões diferentes atribuídas a um referente, por pessoas de uma mesma sociedade, e fatores como o grau de escolaridade, o nível sócio-econômico, idade, sexo são determinantes para distinguir grupos distintos em fala verbal dentro de uma classe, em que uns gozam de uma língua de maior ‘prestígio’ e outros não; e
  - d) *a variação estilística*, se apresenta quando uma mesma pessoa utiliza várias formas da língua, que se configura de acordo com o contexto de fala.
- (p.44)

Deste modo, a concepção de língua não é monolítica, e sim heterogênea e dinâmica, apresenta variações que estarão articuladas com o ambiente sócio-cultural, de onde se situa o falante. Segundo SORDI-ICHIKAWA (2003):

---

<sup>3</sup> Diretor executivo da Associação Britânica de Surdos,

Os indivíduos aprendem a variedade linguística peculiar da comunidade em que vivem, porém, a sociedade se utiliza desses modos peculiares de se expressar para marcar indivíduos e classes sociais pelo modo de falar. Essa atitude social revela o preconceito, pois marca as diferenças linguísticas, como índices de estigma ou prestígio. Da mesma forma, como qualquer outra língua, a língua portuguesa não é falada da mesma forma por todas as pessoas que a utilizam. Além disso, as línguas evoluem, transformam-se e adquirem peculiares próprias em razão de seu uso em determinadas comunidades específicas. (p.44)

Com relação a Libras a variação acontece na mesma proporção,

A variação linguística é um conceito fundamental da sociolinguística - heterogeneidade da língua, que, a partir dos estudos de cientistas da linguagem, ficou comprovada a impossibilidade estudar a língua sem levar em conta a sociedade em que é falada, mas ainda são poucos os estudos que focalizam a variação linguística, principalmente nos materiais didáticos para uso em sala de aula (BAGNO, 2007). Semelhante situação se dá com a Libras, pois quase não existem pesquisas sobre variações, de qualquer ordem entre estas as regionais, nesta língua, mas já há base empírica para os estudiosos arriscarem configurações (BONINO, 2007, p. 29).

Entende-se que a língua é intrinsecamente heterogênea, variável, instável, múltipla onde a língua é um processo, um fazer contínuo na teia social que é próprio das línguas, a pluralidade de manifestações.

Portanto a variação linguística não é exclusividade da Língua Portuguesa, pois em Libras também há essas ocorrências como afirma Felipe, 2001:

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas *impulsionando desta forma a presença de variação Linguística desta língua*. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (FELIPE, 2001, p. 81. *Grifo nosso*).

Então, a variação linguística está inserida em cada lugar, sendo de cada estado tem suas próprias variações.

### **2.2.1 Variações Linguísticas da Libras**

O campo de estudos das línguas cresceu bastante nos últimos anos.

Leite e Quadros (2014), relatam que até 1960 o estatuto linguístico das línguas de sinais era questionado e fugia de credibilidade para um sério estudo linguístico. Com os estudos pioneiros realizados por Stokoe (1960), foram apresentadas evidências de que a ASL<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> ASL: American Sign Language – Língua Americana de Sinais.

é estruturada tendo como base princípios semelhantes aos utilizados nas línguas orais, com isso passou-se a defender o estatuto de língua natural da língua de sinais.

Assim, iniciou-se uma nova linha de pesquisa nos estudos linguísticos e hoje, por ter status linguístico, as línguas de sinais apresentam reconhecimento de seus diferentes elementos, como o da Libras.

Em relação a variação linguística da Libras, Lima (2009) pontua que:

Os surdos do norte do Brasil usam bastante as expressões faciais e corporais, e que utilizam um espaço maior para realizar o sinal. Já os surdos de Manaus são os que mais apresentam variações, talvez pela distância do estado. Os do Rio de Janeiro usam mais o alfabeto manual em vez do sinal, característica própria dos surdos cariocas (p. 74-75).

Retomamos nos ao entendimento de que como toda língua humana, a Libras passa pelo processo contínuo e gradual de variação e mudança, seja por motivações internas, seja por contato com outras línguas. Nesse sentido, considerando a crescente mobilidade geográfica das pessoas Surdas falantes da Libras e o contato entre variantes.

Levando em consideração essas peculiaridades da linguística da Libras, Strobel & Fernandes (1998) consideram as variações regionais e sociais e as mudanças históricas como fenômenos identificáveis na Libras, o que lhe confirma, mais uma vez, o caráter natural.

Ferreira-Brito (1995), observa que a Libras é uma língua que possui os mesmos universais linguísticos das línguas orais, caracterizando a formação dos sinais a partir dos fonemas e morfemas sendo regida por princípios gerais que a estruturam linguisticamente, permitindo aos seus usuários o emprego da língua em diferentes contextos, correspondendo às diversas funções linguísticas que são manifestadas na interação no cotidiano oportunizando a variação linguística.

Já o autor Castro-Junior (2011) afirma que as variações linguísticas na Libras são resultantes da interferência da Língua Portuguesa sendo algumas vezes determinantes na criação dos sinais de um termo, cita-se como exemplo: o sinal de Linguística e Linguagem que foi dada no curso de Letras Libras que respaldou a influência da Letra “L”.

Diante das pesquisas citadas observa-se de quão amplo é o campo de investigação da variação e mudança na Libras reforçando sua ligação com a comunidade surda em diferentes regiões determinando o fator dos estudo sociolinguísticos.

### **2.2.2 Variações Linguísticas na Comunidade Surda sob a perspectiva da Sociolinguística**

A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (MARTELOTTA, 2015, p.141)

De acordo com Mussalim e Bentes (2001), linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável, que é a base da constituição do ser humano com seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de língua efetiva e que não deveria estar ausente nas reflexões linguísticas.

Segundo Saussure (2006 p.9) a língua é um fator social no sentido de sistema convencional adquirido pelos indivíduos em seu convívio social, tendo a linguagem como a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua.

Segundo Mussallim (2001), as diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado não inerente ao fenômeno linguístico, a não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo.

No que tange ao uso da Libras na comunidade surda, Bagno (2002, p.10) nos remete a uma observação de que as variações linguísticas estão presente no discurso da comunidade ouvinte assim como na comunidade surda com os seus usuários da libras, pois segundo Quadros & Karnopp (2004, p.22) o significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças, pode apresentar variações regionais e sociais nos diferentes dialetos de uma língua, isto é, apesar dessas variações, existem limites nos significados de cada expressão não podendo usar as expressões para significar o que bem entendem, pois se fizerem serão mal-interpretados ou não compreendidos, portanto, o(s) “significado(s)” de uma expressão linguística apresentam características comuns compartilhadas entre eles.

Partindo-se deste, se entende que a homogeneidade linguística é mito na Libras. É muito comum quando se pede a um surdo para soletrar uma palavra, como “essencial”, ele perguntar o que é. Só depois de entender o contexto ele faz o sinal referente, mas que contenha o mesmo sentido. Estes sinais podem variar de lugar para lugar, de geração para geração (mais jovens X mais idosos) e entre os próprios surdos de uma mesma comunidade, entre outros fatores, no entanto, essas variações não afetam o significado.

Por fim, contextualizo o estudo da sociolinguística que propaga a variação linguística na comunidade surda citada pela Karnopp (s/d:6-7) ao dizer que:

Ao estudarmos as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, utiliza-se a denominação de “variedades linguística”.

O mesmo é destacado pela Strobel e Fernandes (1998):

“a maioria no mundo, há, pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas”. (p. 56)

Por isso, com este trabalho não almejamos apenas conduzir uma análise linguística mas evidenciar, o quanto possível, a clara relação existente entre educação, tempo, língua, sociedade e cultura, e neste espaço denominado a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Material e método**

Para testar na hipótese do uso de variáveis dos sinais em suas diferentes categorias; Cores: AZUL, ROSA, BRANCO, VERDE e PRETO; Animais: LEÃO, CACHORRO, RATO, GATO e VACA; Frutas: MAÇÃ, BANANA, MELANCIA, ABACATE E UVA; Família: PAI, IRMÃO, PRIMO, MÃE E VOVO, Alimentos: ARROZ, FEIJÃO, CARNE, TOMATE e PORCO e Diversos: JANELA, CANETA, CAFÉ, ONIBUS e TERNO; estão mais relacionados a fator social dos surdos que não estudaram no INES e dos que estudaram, sendo que o ultimo observar se os sinais antigos utilizados ainda são mantidos. Nesse sentido, os dados coletados através da entrevista foi realizada individualmente e on-line através da webcam e outro entrevista presencial gravado em vídeo.

#### **3.2 Dados dos participantes**

Participaram da pesquisa 6 homens, sendo dois residentes da cidade de Uberaba, dois de Patos de Minas e dois do Uberlândia, cada um dos residentes estudaram no INES e outro não. Por fim, todos são surdos, brasileiros, classe média tem a Libras como primeira língua.

#### **3.3 Coleta de Sinais**



Os dados foram coletados pelos próprios pesquisadores surdos sem deixar de subsidiar os estudos bibliográficos utilizando se como base a coleta de dados do LAKATOS & MARCONI (2007) e SZYMANSKI (2002).

Quanto ao procedimento da coleta de dados, o primeiro passo foi realizar a preparação das entrevistas antecipadamente tanto no aspecto físico quanto emocional para que possa transmitir segurança e clareza na hora de entrevistar, conforme diz o Szymanski (2002, p.71) “o pesquisador, antes mesmo de iniciar o procedimento de entrevista, tem algum conhecimento e compreensão do problema, proveniente não apenas de seus referentes teóricos, mas também de sua experiência pessoal”.

Para obter os dados de sinais que apresenta maior variação e influencia dos surdos que estudaram e dos surdos que não estudaram no INES aplicamos uma entrevista com os participantes acima de 65 anos na comunidade surda dos Patos de Minas, Uberaba e Uberlândia todos do estado de Minas Gerais na qual foram convidados a falar um pouco sobre a sua história e a cidade onde vive, sendo que as conversas e/ou entrevistas duraram entre 10 a 20 minutos, gravadas pelo vídeo. Posterior foi apresentado os 30 sinais para cada um fazer os seus sinais na qual as maiorias dos sinais são parecidos e foram detectados também alguns sinais apresentados diferentes entre eles.

### 3.4 Análise e discussão: Variação Sociolinguística da Libras

A fim de analisar o tipo de sinais com maior variação está relacionado aos surdos residentes da cidade que estudaram fora. Foram agrupados por surdos com faixa etária entre 65 a 86 anos e por localização geográfica e social. Os vídeos gravados foram codificados em imagens. Dentre eles foram afunilados em 5 sinais que apresentaram maior variação entre os surdos sendo eles os sinais: ROSA, GATO, MELANCIA, MÃE E PORCO.

**Figura 1: SINAL ROSA**



SINAL 1



SINAL 2



SINAL 3



SINAL 4

O sinal ROSA foi uns dos sinais que apresentou maior variação entre eles com 4 (quatro) sinais diferentes. Sendo que os 3 (três) ex-alunos do INES apresentaram coesos no sinal 1. Outros 3 (três) cada um apresentou sinal diferente entre eles como se observa no sinal 2, 3 e 4.

### Figura 2: SINAL GATO



SINAL 1



SINAL 2



SINAL 3

Outro sinal com maior variação é do sinal de GATO que apresentou 3 (três) diferentes sinais. Todos os 3 (três) três ex-alunos de INES e mais 1 (um) que nunca estudou no INES responderem o mesmo o do sinal 1. Os outros 2 (dois) que nunca estudaram no INES os 2 sinais diferentes do sinal 2 e 3.

### Figura 3: SINAL MELANCIA



Outra variação com 4 (quatro) sinais diferentes, a MELANCIA que foram apresentados os mesmos sinais pelos 3 (três) ex-alunos do INES no sinal 1. Os outros (3) três cada um responderam com seus 3 sinais diferentes sinal 2, 3 e 4.

**Figura 4: SINAL MÃE**



Outro sinal que mais apresentou a variação com 4 sinais diferentes entre os participantes foi o sinal MÃE, sendo que os 3 (três) ex-alunos do INES responderam coesos entres apresentando os mesmos sinais, o sinal 1. Outros 3 (três) cada um apresentou sinal diferente entre eles como se observa no sinal 2, 3 e 4.

**Figura 5: SINAL PORCO**



SINAL 1



SINAL 2



SINAL 3

Por fim, o sinal PORCO também foi uns que apresentaram variação na entrevista. Porém os 3 (três) ex-alunos de INES todos responderem o mesmo sinal o do 1 o mesmo foi apresentado por 1 (um) que nunca estudou mas teve influencia de contato com um que estudou. E outros 2 (dois) que nunca estudaram no INES apresentaram sinais diferentes o do sinal 2 e 3.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O resultado obtido mediante a hipótese sobre a variação linguística em Libras nesta pesquisa ocorre diante do fator da influencia social e geográfica, como também em analisar se houve ou não as mudanças de sinais na Libras entre os surdos residentes e surdos que estudaram fora da cidade.

Na análise evidenciam-se que os surdos que nunca estudaram no INES quase todos eles apresentam mesmos sinais apresentados com poucas mudanças presentes na Libras que são utilizados nos dias de hoje. Diferentemente dos surdos, os ex-alunos do INES, apesar de tem iniciado sua Libras e conviver com os demais surdos apresentaram menos mudanças de sinais entre eles. Porém todos os surdos residentes tiveram acesso aos sinais da Libras através do contato os veteranos do INES que foi o pioneiro em difundir os sinais na comunidade surda.

Enfim, conclui-se que qualquer língua pode sofrer o processo de mudanças devido a influencia de convivência social e também pelo fator geográfico na qual os surdos mantenham contato com os de fora de forma inconsciente acabam adotando sinal utilizado do outro.

#### **REFERÊNCIAS**

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Brasil, Lei Federal 10.436 de 24 de Abril de 2002. Disponível em [www.leidelibras.gov.br](http://www.leidelibras.gov.br). Acessado em 05/07/2018.

CASTRO JÚNIOR, G. de. Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DINIZ, Débora. Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.175-181. Acesso em: 20 ago. 2012. 2003.

FELIPE, T. A. LIBRAS em contexto: curso básico. Livro do professor. Brasília, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. 2001.

FERREIRA BRITO, L. Por uma gramática de Língua de Sinais. R.J.: Tempo Brasileiro, 1995.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, K. do S. C. Educação de Surdos no contexto amazônico: um estudo da variação linguística na Libras. Dissertação de Mestrado da UEPA, Belém, 2009.

MACHADO, L.R.S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, nº 1, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Manual de Linguística. 2 ed., 3 reimpressão – São Paulo : Contexto, 2015.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras, Vol. 1. São Paulo: Cortez. 2001.

OLIVEIRA, R; C. A; MARQUES, R. R. Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais. In.: Revista Diálogos: linguagens em movimento. Caderno Estudos Linguísticos e Literários. Ano II, N. I, 2014. Cuiabá: 2014.

PADDEN, Carol The deaf community and the culture of deaf people. In: Wilcox, Sherman (Ed.). American deaf culture: an anthology. Burtonsville: Lindtok Press, 1989

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. ArtMed. Porto Alegre. 2004.

QUADROS, R. M. de; LEITE, T. de A. (Orgs.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Série Estudos de Língua de Sinais. V. II. p.145-164, Florianópolis: Insular, 2014.

ROCHA, S. M. da. O Ines e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: Ines, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SILVA, S. G. de L. Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15,n.31, 2014.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SORDI-ICHIKAWA, C. Variação lingüística e o ensino da ortografia: Uma reflexão teórica. UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ., Londrina, v. 4, n. 1, p. 43-46, jun. 2003.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, K. L.; As Imagens do outro sobre a Cultura Surda. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2008.

SZYMANSKI, Heloisa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: Serviço Social & Sociedade. Ano XXIII, n° 71. Setembro de 2002.